

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: Trabalho de Conclusão de Curso

Michele Aramburu Serafini

**ESTRATÉGIAS PARA A HUMANIZAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS:
USO DE LINGUAGEM NARRATIVA, DESAFIOS E PERCALÇOS**

Porto Alegre

Julho/2015

Michele Aramburu Serafini

**ESTRATÉGIAS PARA A HUMANIZAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS:
USO DE LINGUAGEM NARRATIVA, DESAFIOS E PERCALÇOS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Comissão de Graduação do Curso de Ciências
Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande Do
Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Ciências Biológicas.
Orientador: Prof. Dr. Luciano da Costa Bedin

Porto Alegre
2015

Agradecimentos

Ao professor Luciano Bedin da Costa, por aceitar o convite para orientar este trabalho, por todo seu esforço, dedicação, comprometimento e tempo dedicados em meio a tantas outras atividades e compromissos que possui. Sou muito grata por toda a ajuda e principalmente compreensão quando passei por problemas de ordem pessoal que me atrapalharam significativamente no decorrer desta pesquisa. Apesar de todos os percalços no caminho, acredito que escrevemos um trabalho muito interessante juntos. Agradeço enormemente por isso.

À professora Ana Luiza dos Santos Julio, por aceitar o convite para integrar a Banca Examinadora deste trabalho, contribuindo com o seu olhar e vivência valiosos, assim como pela conversa muito rica que tivemos durante um dos percalços no caminho deste trabalho – na qual ela me assegurou que eu poderia trabalhar com este assunto (relações étnicas e racismo), desde que me sensibilizasse com ele. Isto significou muito para mim, pois eu estava um pouco insegura quanto até onde eu poderia ir, devido ao fato de eu nunca ter vivenciado situações de racismo e preconceito.

À professora Miriam Pereira Lemos, por aceitar o convite para integrar a Banca Examinadora deste trabalho, contribuindo com o seu conhecimento e experiências inestimáveis no campo da sociologia, assim como no de educação. Agradeço imensamente por abrir uma exceção para mim, e também por todo o carinho.

Aos meus pais, por todo o apoio que sempre me deram, assim como pelos conselhos, pelo amor incondicional e também (não podemos deixar de lado!) pelo constante estímulo ao estudo. Sempre ouvi de vocês o quanto era importante que eu estudasse e me dedicasse, para ter um futuro melhor. Muito obrigada por terem me guiado nesse caminho! Estou onde estou agora graças a vocês.

A meus colegas de profissão no Cursinho Pré-Vestibular Resgate Popular, em especial Gabriel Menegazzi, Fernanda Moreira, Guilherme Bertuzzi e Bruno Barbosa. Ser professora de educação popular ao lado de vocês tem sido um enorme aprendizado para mim. Muito obrigada por todo o apoio e amizade, além das valiosas trocas de experiências que muito me acrescentaram e ainda acrescentam.

À Eduarda Casali e à Scheila Vicente, preciosas amigas que me acolheram como irmãs quando passei por momentos de crise. Ter a companhia de vocês nesta fase foi pra mim muito importante. Sem o apoio de vocês, talvez eu não tivesse conseguido concluir este trabalho a tempo. Muito obrigada por todo o carinho, gurias.

Ao Guilherme Borges, por todo o amor, carinho e por ter estado comigo em todos os momentos em que mais precisei, quando o nervosismo e o estresse beiravam os limites. Agradeço muito por ter me apoiado e motivado constantemente. Sinto que posso contar contigo sempre, e isso me faz muito feliz. Obrigada por me fazer tanto bem, amor.

À Roberta dos Anjos por me ter “emprestado” uma turma de alunos sua para realizar minhas atividades da presente pesquisa, e também por todo o apoio, paciência e amizade.

Aos colegas da faculdade que muito me contribuíram na troca de vivências e discussões não só durante as aulas das disciplinas de educação, mas também fora da sala de aula, dividindo histórias e experiências docentes comigo. Toda a nossa troca foi muito valiosa na minha formação como professora.

Aos professores maravilhosos que tive ao longo de toda a minha formação, desde o nível fundamental escolar até o nível superior. Aprendi muito sendo aluna de vocês – não só dos conteúdos específicos de aula, mas também do tipo de professora que quero se um dia. Vocês são, para mim, verdadeiras inspirações!

A todas as outras pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a minha formação, o meu mais sincero muito obrigada!

RESUMO

O ensino de Ciências costuma ser, na maior parte do tempo, ensinado nas salas de aula através da linguagem científica. Tal atitude não leva em conta, entretanto, que tal linguagem não é familiar para o aluno, e isto pode dificultar a aprendizagem. Entretanto, se for utilizada uma linguagem mais próxima do aluno, o processo de aprender pode ser facilitado. No seu cotidiano, o educando costuma usar a linguagem narrativa para se expressar. Neste sentido, o presente trabalho buscou analisar como o uso de linguagem narrativa pode ser explorado em sala de aula, e quais os efeitos do mesmo para a compreensão dos alunos a cerca do conteúdo que se quer ensinar. Além disto, acreditamos que estes, se tiverem uma postura ativa durante a aula, ao invés de apenas assisti-la, terão um maior envolvimento com o processo de aprendizagem, tornando esta mais sólida e duradoura. Para tal, foi realizada uma atividade com uma turma de sétimo ano do ensino fundamental em uma escola pública de Porto Alegre, na qual busquei trabalhar dois conteúdos (evolução biológica e preconceito racial) através de uma narrativa que construí para este fim. Após a apresentação da narrativa, os alunos deveriam encená-la, utilizando coletes de TNT representando as diferentes cores de pele, bem como capas azuis para serem super-heróis (Super-Melanina, um personagem da história). Entretanto, tal proposta pareceu desconfortável para alguns alunos negros. Eu, por ser branca, não tive a sensibilidade para prever que tal atividade pudesse ser desagradável para estes alunos; pensei que a minha proposta era algo divertido e interessante para eles. Ao invés disto, então, propus aos alunos que estes escrevessem, em grupos, uma narrativa utilizando personagens negros, e depois apresentassem a mesma para os colegas na forma de um teatro de fantoches. Através deste trabalho, surgiram reflexões mais profundas do que o inicialmente proposto; percebi que, apesar de estar me formando professora, ainda tenho muito a aprender na minha profissão – e que os percalços no caminho, para além de simbolizarem algo que “não deu certo”, pelo contrário, são o que nos faz pensar e nos coloca em movimento.

Palavras-chave: linguagem narrativa; preconceito racial; papel ativo do aluno; ensino de Ciências.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	7
2.1. Do uso da linguagem narrativa	7
2.2. Da importância da postura ativa do aluno.....	8
2.3. Da postura do professor.....	9
3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	10
3.1. Narrativa elaborada para a atividade	11
3.2. Representação teatral da narrativa	14
3.3. Questões para avaliação das impressões dos alunos da atividade	14
4. RELATO DAS ATIVIDADES	15
4.1. Diário de campo	15
4.1.1. DIA 1 – Apresentação da narrativa 15/10	15
4.1.2. DIA 2 – Revendo a metodologia – 22/10	17
4.1.3. DIA 3 – Confeção dos fantoches – 24/10.....	18
4.1.4. DIA 4 – Continuação da confecção dos fantoches – 29/10	19
4.1.5. DIA 5 – FINAL: Teatro de fantoches – 05/11	19
4.2. Impressões dos alunos	20
4.2.1. Impressões observadas a partir das questões dissertativas	20
4.2.2. Impressões observadas a partir das narrativas construídas	21
5. DISCUSSÃO E REFLEXÕES.....	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO	29
ANEXO B – DESENHOS PARA ILUSTRAR A NARRATIVA “A EVOLUÇÃO DA COR DA PELE”	31
ANEXO C – DESENHOS DE AFRICANOS PARA ELABORAÇÃO DOS FANTOCHES	52

1. INTRODUÇÃO

O conteúdo científico ensinado nas aulas de Biologia parece, por vezes, demasiado distante do aluno. É um conteúdo impessoal, geralmente passado no quadro-negro na forma de uma aula expositiva, com uma linguagem científica complicada – como consequência, torna-se desprovido de apelos ao mesmo. Uma aula, para ser interessante para quem aprende, precisa tocá-lo de alguma forma. Neste sentido, penso haver formas de transformar o conteúdo que ensinamos, com o objetivo de torná-lo mais simples, mais próximo do aluno – isto é, mais humano.

O presente trabalho surgiu da necessidade de aproximar o saber científico do saber cotidiano. Há a preocupação de que o aluno consiga relacionar o que aprendeu na sala de aula com o que vive fora dela – fenómeno que, na maioria das vezes, não acontece. Para verdadeiramente aprender, ele precisa *vivenciar* o conteúdo, e cabe ao professor buscar estratégias para proporcionar isto a ele.

Em primeiro lugar, deve-se levar em conta o tipo de linguagem que é utilizada. A linguagem científica costuma ser percebida como uma linguagem “fria”, versada apenas por professores, cientistas, engenheiros e demais técnicos. No dia-a-dia, o aluno utiliza a linguagem narrativa para se comunicar, sendo esta uma linguagem mais emotiva, que conta histórias, que transmite valores e significados de uma forma mais íntima. Assim, quando este entra na sala de aula, há uma troca brusca de linguagem que é, para este, como que um “baque”.

Com base na minha experiência de estágio docente em Biologia no nível Médio¹, aponto que o conteúdo científico, se repensado e transmutado em linguagem narrativa, será de muitíssimo mais fácil entendimento para o aluno – pois esta linguagem é, por assim dizer, a linguagem “nativa” do mesmo.

Ainda, a linguagem narrativa, quando usada em sala de aula, pode dar origem a outra estratégia de grande sucesso: a representação teatral do conteúdo científico. Os alunos podem passar a representar “personagens” da história, e simulam um determinado processo biológico – e, assim, ao assumirem um *papel ativo* na sala de aula, tornam-se capazes de aprender com maior profundidade. A aprendizagem se dá através do ativo envolvimento do aprendiz na construção do conhecimento (MORTIMER, 1996 p.22), assim, o aluno deve sair da posição passiva de apenas escutar e observar, e realizar ações para tornar a sua aprendizagem mais sólida.

Por fim, outro aspecto muito importante para a aprendizagem é a relação interpessoal

¹ Tal experiência se constituiu na elaboração e apresentação de uma narrativa de minha autoria para introduzir aos alunos o conteúdo de Biologia Molecular (Transcrição e Tradução). Recebi dos alunos uma resposta bastante positiva; eles acharam muito divertido e pude ver que conseguimos, após a narrativa, definir juntos os pontos principais apresentados, que correspondiam aos conteúdos que eles tinham que aprender para o currículo.

entre o professor e o aluno. Assim como o conteúdo científico está, muitas vezes, distante da turma, o professor também frequentemente acaba por assumir esta posição. O professor, como profissional, fecha-se em sua impessoalidade e põe-se a "despejar conteúdo", sem enxergar os alunos como indivíduos únicos, dotados de emoções e necessidades, bem como ele próprio. Tal distância – geralmente imposta pelo professor – só tem a prejudicar, pois a construção de vínculo professor-aluno possui muitas vezes um papel-chave na aprendizagem: auxilia o professor a conquistar até mesmo os alunos mais desinteressados da turma.

Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo trabalhar o uso da linguagem narrativa em sala de aula, bem como das representações teatrais, no ensino de Ciências, analisando seus efeitos na aprendizagem em relação a uma aula convencional. Durante quatro semanas, acompanhei uma turma de escola pública com alunos de onze a treze anos, totalizando oito encontros, nos quais pude observá-los e propor atividades (descrição detalhada consta no capítulo "Delineamento Metodológico").

Assim sendo, o presente trabalho se estrutura a partir de um diário de campo, e nele, procurarei desenvolver não apenas os aspectos que ocorreram como o esperado, mas também os percalços no caminho – estes, de grande valor, já que me puseram a pensar e refletir.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Do uso da linguagem narrativa

Como atenta Poligicchio (2012, pg 30), "Mesmo que de forma expositiva, a aula realmente planejada possui começo, meio e fim e uma narrativa, ou uma mensagem a ser transmitida". Assim, quando descomplicamos o conteúdo científico, vemos que o professor objetiva, na realidade, passar uma mensagem aos alunos – mensagem esta que pode ser transformada para uma linguagem narrativa, mais "palatável" para estes. A autora ainda atenta ao fato de que "um bom professor é um bom contador de histórias fabulosas e, com ela, fascina seu público" (2012, pg 35). Assim, o professor, no momento em que não se utiliza desta estratégia, encontra-se, por vezes, distante dos alunos.

O papel do educador é proporcionar atividades ricas em conteúdo de uma maneira diferenciada, instigando o aluno a refletir. Não raro, o aluno encara a escola como uma obrigação a ser cumprida (...). Cabe à escola estar preparada para receber os educandos de uma forma atrativa, permitindo uma boa interação entre professor, aluno e recursos oferecidos. (SANTOS, p. 23, 2010)

Desta forma, o uso da linguagem narrativa, além de servir de ferramenta para uma melhor compreensão dos alunos do conteúdo que queremos ensinar, pode surgir também como uma forma de tornar o processo da aprendizagem mais atrativo. Tal efeito se dá simplesmente pelo fato de a linguagem narrativa ser a linguagem "nativa" do aluno, enquanto

que a linguagem científica, normalmente utilizada em sala de aula, se encontra distante deste.

No entanto, além de possibilitar que o processo de aprendizagem seja mais divertido para o aluno, as narrativas também podem auxiliar o professor a vislumbrar o que os alunos estão verdadeiramente experienciando – e, assim, assimilando.

As narrativas são motivadas por crenças, desejos, teorias, valores ou outras razões intencionais, e as ações narradas trazem consigo as intenções do narrador. Por exemplo, quando o sujeito narra o que seria o dia de um professor, provavelmente está se referindo: às crenças que possui sobre esse profissional; ao desejo sobre o professor que ele gostaria ou gostou de ter; ou, ainda, sobre o professor que ele gostaria de ser, ou, até mesmo, sobre valores que, para ele, são importantes num professor.

(BRUNER 1997 apud QUADROS, 2010)

Ou seja, se propormos aos alunos que estes construam uma narrativa, podemos ter uma oportunidade muito interessante de observar qual a mensagem que os alunos perceberam sobre o que buscamos ensinar. Podemos fazer isto analisando as cenas que estes escreveram, bem como os diálogos e o discorrer da história como um todo. Segundo Cunha (1997), quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, é possível ver que ela reconstrói a trajetória percorrida, dando-lhe novos significados. Assim, ao ler as narrativas que um aluno escreveu, podemos observar quais significados ele deu para os elementos da história, dando-nos maiores pistas acerca da construção da sua aprendizagem.

2.2. Da importância da postura ativa do aluno

Mas, além das narrativas, se o aluno tiver a oportunidade de *vivenciar* o que aprendeu, a aprendizagem será ainda mais profunda. Quando o aluno se encontra em uma posição passiva, na qual apenas assiste à aula, sem participar dela ativamente, ele acaba por se envolver pouco. Se, ao contrário, for proposto que este participe – seja explicando algo para a turma, seja representando uma história – certamente terá uma aprendizagem mais duradoura.

Como ressalta Gonçalves (2010, p. 5), o campo das Ciências possui uma série de conceitos que se mostram complicados para os alunos, que muitas vezes são apenas decorados, ao invés de propriamente compreendidos e assimilados. Se, ao invés de uma abordagem expositiva, propormos aos alunos que estes vivenciem os fenômenos biológicos, a aprendizagem é facilitada.

O professor deve assumir o papel de provocador e estimulador de novas experiências, e deve ser capaz de propor estratégias ou caminhos para buscar respostas, enquanto que o aluno deve ser sujeito ativo no processo de aprendizagem, através da experimentação, do trabalho em grupo (COSTA, 1997).

No entanto, para que tal proposta seja possível, é preciso que o professor proporcione um espaço na sala de aula para este momento – pois, para que o aluno possa vivenciar esta proposta, é necessário tempo, levando em conta que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; (...) demorar-se nos detalhes" (BONDÍA, 2012, p. 5).

Desta forma, o professor deve interromper o constante fluxo de "despejo de conteúdo", como costumamos dizer, indo contra a tendência do mundo moderno de que tudo seja demasiadamente acelerado – na qual não há espaço para parar para escutar e observar por mais tempo o que se quer aprender.

O autor nos traz, ainda, que "tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo." (BONDÍA, 2012, p. 25), o que reforça a idéia de que, através da experiência, o aluno faz uma travessia entre dois momentos: o primeiro, onde ele ainda não aprendeu, e o segundo, onde ele já está um degrau acima na sua aprendizagem. Considerando que, durante essa travessia, poderá haver alguma forma de perigo, fica evidente o motivo de termos medo de tentar experiências novas – seja em sala de aula, seja fora dela. Entretanto, enquanto professores, devemos evitar mantermo-nos no conforto do conhecido, e buscar adquirir disposição e coragem para experimentar atividades que possam ser de grande valor construtivo para nossos alunos.

Para que isto possa se concretizar, um recurso didático possível seriam as representações teatrais. Através deste recurso, o aluno assumiria uma posição mais presente, já começando pelo fato de precisar se levantar da cadeira e assumir um papel na representação de uma história.

O teatro, pelo seu perfil lúdico e envolvente, pode se constituir em um caminho capaz de sensibilizar os estudantes (VESTENA E PRETTO, 2012 p.10). Sendo assim, tal atividade pode ter uma finalidade lúdica, com o objetivo de tornar o processo de aprendizagem mais atraente para o educando. Mas, além disso, o teatro, ao propor que o aluno vivencie o conteúdo proposto, também pode ser uma forma de tornar a aprendizagem mais sólida.

Ainda segundo estes autores, o teatro pode servir de veículo disseminador de um conteúdo de Ciências proposto em aula, assim como pode ser um grande provocador de novas idéias e reflexões, que possibilitaria ganhos tanto individuais quanto coletivos. Desta forma, penso que, com tal atividade, os alunos podem vir a ensinar uns dos outros, quando trocam reflexões entre si. Tal experiência certamente seria muito rica tanto para a turma quanto para o professor.

2.3. Da postura do professor

Quando fui aluna, lembro-me que as aulas de que mais gostava eram aquelas nas quais os professores "brincavam" com os alunos, eram sinceros, contavam histórias, mostravam-se à vontade com a turma – ao invés de tensos, como consequência de um mal-

estar docente, algo infelizmente muito comum. Tais professores contavam detalhes do seu cotidiano para os alunos, mostravam seu lado humano; em suma, "desciam do pedestal" da formalidade e relacionavam-se verdadeiramente com os alunos. Como bem ressalta Castro (2011, pg 7), "essas atitudes fazem com que o aluno chegue mais perto do professor e vice-versa, desfazendo o mito do professor como um ser superior. Desta forma, o aluno deixa de ver o professor como uma presença repressora, *humanizando* o mesmo. Isto proporciona uma melhor relação interpessoal, o que aumenta a profundidade das informações que o professor consegue transmitir e, por consequência, da aprendizagem.

Uma boa relação entre o professor e os alunos também fornece um ambiente deveras libertador, no qual os últimos se sentem à vontade para perguntar e discutir – pois a sala de aula deixa de ser um lugar repressivo, graças ao vínculo construído. Tendo em vista que, "de forma geral, as crianças menores têm mais interesse em ciências" (HOLBROOK E RANNIKMAE, *apud* FREIRE E MASSARANI, 2012, pg 1), esta postura do professor parece ser importantíssima para manter a curiosidade e a capacidade crítica do aluno, que parece ser gradativamente "podada" ao longo do período escolar – justamente devido a esta sensação de falta de liberdade na sala de aula para se expressar, questionar, refletir.

Além disto, conforme o professor constrói um vínculo com a turma, mais estimulado este se sente para planejar aulas diferenciadas para os alunos, até por adquirir confiança de que estes vão colaborar com a proposta. Como bem ressalta Silva (2005), professores que estão apaixonados por suas turmas possuem, em seu estilo de dar aula, o caráter de constante transformação e o componente da criatividade entre os recursos que utilizam. Assim, o professor que privilegia a sua relação com os alunos teria, em sua aula, um espécie de campo metamórfico, onde haveria espaço para atividades que possibilitem a este transformar-se, bem como transformá-los criativamente. Desta forma, o "dar aula" não é vivido como estático, mas caracterizado como um movimento que dá passagem, que abre caminho – permitindo aos alunos, assim, que estes sejam ativos no seu processo de aprendizagem.

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Inicialmente, para análise do uso de narrativas e representações teatrais, propus a realização de atividades com duas turmas, utilizando dois diferentes métodos de aula para ensinar um mesmo conteúdo: enquanto na primeira eu utilizaria apenas a aula na forma de narrativa, na segunda turma eu usaria este método e também a representação teatral.

No entanto, no decorrer do planejamento, percebi que este não seria o caminho mais adequado, pois na proposta citada, eu ofereceria a melhor aula possível para apenas uma das turmas. Penso que isto não seria justo com os alunos, pois uma das turmas seria prejudicada. Fico chocada como às vezes, após quatro anos e meio cursando uma faculdade de ciências, acabamos cedendo aos "apelos" do dito método científico, esquecendo-nos de que estamos

lidando com pessoas em nossas pesquisas, e não com ratos de laboratório. Foi necessário que uma professora que muito estimo me alertasse para este ponto, pois eu estava tão habituada ao “olhar científico”, que acabei negligenciando o fato de que estava lidando com seres humanos, com vontades próprias e emoções.

Assim, resolvi realizar a atividade com apenas uma turma, que teria a aula na forma de narrativa seguida de uma breve representação teatral da mesma, atividade descrita com maiores detalhes abaixo. Antes de realiza-la, contudo, foi requisitado um termo de consentimento esclarecido assinado pelos pais de cada aluno (anexo 1).

Para tal, acompanhei uma turma de sétimo ano de uma escola pública em Porto Alegre, a E. E. E. F. Brigadeiro Silva Paes, durante quatro semanas. Esta era composta por alunos de onze a treze anos, em sua maioria de origem popular. No total, foram oito encontros, sendo os três primeiros de observação dos alunos, para familiarizar-me com eles (e eles comigo), e os cinco últimos de atividades propostas por mim.

3.1. Narrativa elaborada para a atividade

Para a atividade com a turma, eu elaboraria uma narrativa de minha autoria. Para tal, esperei o início das aulas para definir o tema junto com os alunos e com a professora. Com o início das aulas, percebo que os alunos queriam falar sobre racismo, enquanto que a professora queria falar sobre o conteúdo de Evolução Biológica. Pensei, então, que poderia unir ambos os assuntos, e elaborei uma narrativa intitulada “A evolução da cor da pele”, retratada a seguir.

“A evolução² da cor da pele

Há 150 mil anos, o ser humano vivia na África. No início, havia pessoas de todas as cores: pessoas brancas, pessoas mais morenas, pessoas negras. O que mudava em cada cor de pele era a quantidade de uma coisa muito especial: a Melanina.

A Melanina era uma espécie de super-herói: seu trabalho era proteger as pessoas do sol. Ela formava uma barreira na pele das pessoas morenas e negras, não deixando a radiação solar passar.

A quantidade de melanina que uma pessoa ia ter era definida pelo DNA, que era o “centro de comando” do corpo. Era ele que dizia qual ia ser a cor da pele de cada pessoa. Como cada pessoa nascia com um DNA diferente, cada pessoa podia nascer com uma cor de

² A palavra “evolução”, aqui, está empregada no sentido de “evolução biológica”, conceito da Biologia que se refere às sucessivas modificações fenotípicas que ocorrem de forma aleatória ao longo das gerações das espécies, as quais são descartadas pela seleção natural ou permanecem nas mesmas, conforme a sua adaptabilidade ao ambiente. Não se trata, de maneira alguma, de “evolução da cor da pele” no sentido de “melhoramento da cor da pele”, já que não existe uma cor de pele que seja melhor ou pior do que a outra.

pele diferente.

Na África, o sol é muito forte, e as pessoas negras e morenas se sentiam muito bem – porque tinham bastante Melanina e estavam protegidas. Já as pessoas brancas, como tinham bem pouquinha Melanina, acabavam se queimando! Elas ficavam vermelhas, descascando e passavam mal. Muitas ficavam até com câncer de pele. Coitadas!

Com o tempo, começaram a nascer cada vez menos pessoas com a pele branca – porque as que já existiam se queimavam com o sol, e ficavam fracas e doentes.

Depois de várias gerações – passado bastante tempo, centenas de anos – quase todas as pessoas que viviam na África eram negras. A Super-Melanina fazia o seu trabalho muito bem: protegia todos do sol, e ninguém se queimava. E assim, todos viveram felizes por bastante tempo.

Até que chegou um dia em que a população tinha crescido tanto, tinha tanta gente vivendo no mesmo lugar, que começou a faltar comida e água. Não tinha mais espaço pra todo mundo.

Preocupada com isso, uma família, a família Barbosa, resolveu tomar uma providência. Eles pensaram que seria melhor sair dali e procurar outro lugar para morar, do que ficar ali e morrer de fome. Na mesma hora, seus amigos da família Silva ficaram preocupados e perguntaram:

– Mas pra onde vocês vão? – perguntaram eles.

– Ah, vamos dar uma caminhada para o Norte, ver se encontramos mais comida e água por lá – respondeu a mãe da família Barbosa.

– Ah! Nós vamos sentir falta de vocês. Boa sorte, e tomem cuidado! – se despediram.

E assim, a família Barbosa partiu em sua jornada. Junto com eles se juntou a família Vieira, que morava perto deles. Juntos, os Barbosa e os Vieira seguiram para o Norte, para onde hoje em dia fica a Europa, em busca de mais espaço e comida.

À medida que iam caminhando, percebiam que o clima ia esfriando, e o sol batia mais fraco. A Melanina que eles tinham na pele não deixava os raios do sol passar, e então eles começaram a sentir frio.

Nesse momento o DNA, o centro do comando do corpo, começou a diminuir a quantidade de Melanina da pele das pessoas. Os filhos dos Barbosa e dos Vieira já nasceram um pouco menos negros. Ao longo das gerações, a pele deles foi clareando, aos pouquinhos. Depois de algum tempo, ainda havia pessoas morenas, mas a maioria das pessoas era parda ou branca.

Eles conseguiam sentir o sol na pele de novo – mas, como ali era a Europa, ele não queimava como na África. Era o ideal, para aquele lugar.

Assim, eles viveram felizes na Europa, e tiveram muitos filhos, e a população cresceu. À noite, ao redor da fogueira, eles sempre ouviam histórias de seus antepassados que vieram da África, e que eram negros. Depois de um tempo, o filho mais novo da família Barbosa teve a ideia de ir visitar a África, para conhecer a terra de seus antepassados. Ele chamou seus irmãos, que também ficaram curiosos. E assim eles partiram.

Quando chegaram lá, foram recebidos de uma forma estranha.

Ao ver um grupo de pessoas se aproximando ao longe, o chefe da aldeia, que era o filho mais novo da família Silva, ficou intrigado. Chamou o resto de sua família pra ver, exclamando:

– Que coisa estranha! São pessoas, mas estão brancas como fantasmas!

Eles ficaram com um pouco de medo.

Quando os irmãos Barbosa chegaram mais perto, eles se apresentaram:

– Boa tarde! Nós somos os Barbosa, tataratataratataranetos dos Barbosa que aqui viviam antigamente.

- Ah!! – suspirou o pai da família Silva – Os Barbosa! Eram queridos amigos nossos. Sejam bem-vindos de volta! Mas o que aconteceu com vocês? Vocês estão brancos que nem fantasmas!!

– Ah! Então, você já foi na Europa? É muito frio lá! E o sol não é tão forte quanto aqui... – respondeu o filho mais novo dos Barbosa. Falando nisso, podemos ir pra debaixo daquela árvore? Estou começando a me queimar!!!

Ao ouvir o grito dos Barbosa, a Melanina, nossa super-heroína, logo surgiu em cena:

- Alguém está precisando de mim? – e a Super-Melanina parou na frente da família Barbosa, a protegendo do sol.

- Olá Super-Melanina! Acho que tu consegue explicar pro meu amigo o que aconteceu melhor do que eu – disse a mãe Barbosa.

- Ah, com certeza – respondeu a Super-Melanina. – Sabe Silva, quando viajei com os Barbosa para a Europa, descobri que lá o sol não é tão forte. Eles não precisam da minha proteção lá. Por isso fui embora de lá. Em lugares frios e com pouco sol como a Europa, é mais vantajoso ter pele branca. Já aqui na África... a pele branca não tem chance! Aqui na África, a pele negra é a mais vantajosa.

- Quer dizer que a diferença entre a cor das nossas peles é única e exclusivamente por causa do sol?

- Sim! – concordou a Super-Melanina.

- Nossa, que legal! Agora tudo faz sentido. – disse o pai Silva.

- Que louco, né? – disse o filho mais novo dos Barbosa. – A gente fica tão diferente, por causa do sol mais forte ou mais fraco.

- Mas é só a cor da pele que é diferente – disse o filho mais novo dos Silva. – Pra mim não tem dúvida: por dentro, nós todos somos iguaizinhos.

O pai Silva disse então:

- Vamos comemorar o nosso reencontro! Solta o som, DJ!!

Na pré-História ainda não existia música eletrônica, mas tinha tambores e flautas de osso. E então o povo na África começou uma grande festa, e é assim que a nossa história termina: negros e brancos, todos felizes, sorridentes e dançando juntos.”

Juntamente com a narrativa, eu levaria desenhos também de minha autoria em um

DVD, para ilustrá-la (anexo 2).

3.2. Representação teatral da narrativa

Após a apresentação da narrativa, os alunos fariam uma representação teatral da mesma, da qual eu também participaria (pois acredito ser importante incluir o professor como parte do grupo, ao invés deste se distanciar do mesmo). Para tal, elaborei coletes de TNT com as diferentes cores de pele presentes na narrativa (preto, marrom, amarelo e branco), bem como capas azuis da Super-Melanina. Fiz também, em cartolina, um sol forte e um sol fraco.

A organização da representação teatral se daria de forma espontânea: os alunos escolheriam qual papel queriam representar (se necessário, seria feito sorteio de papéis). Um aluno poderia ser o narrador, enquanto que o professor poderia ser apenas mais um personagem na história. A proposta era fazer a história como uma brincadeira, e ir além de apenas usar a linguagem narrativa: propôr aos alunos que eles tenham um *papel ativo* na própria aprendizagem, ao invés de serem apenas espectadores.

3.3. Questões para avaliação das impressões dos alunos da atividade

Ao final da atividade, seria realizada uma pequena avaliação, com duas questões dissertativas:

Com base na história que trabalhamos em aula, responda:

1. Qual o papel da melanina no nosso corpo?
2. Por que existem pessoas com diferentes cores de pele? O que o sol tem a ver com isso?

Quadro 1: Questões para avaliação das impressões dos alunos da atividade proposta.

Através deste, eu procuraria verificar quais seriam as impressões dos alunos quanto à atividade, e se a mensagem que eu gostaria de passar através da narrativa construída chegou até eles.

4. RELATO DAS ATIVIDADES

A atividade com a turma foi registrada, em todos os dias em que esta ocorreu, na forma de um diário de campo. Antes de realizar as atividades, entretanto, observei os alunos durante três aulas de Ciências, para conhecê-los um pouco melhor. Nestas aulas, contudo, estive em uma posição passiva, na qual interagi pouco com os alunos, limitando-me a sentar no fundo da sala e observá-los. Procurei gravar os nomes dos alunos e também observar a personalidade dos mesmos, notar quais eram mais dedicados, mais agitados, mais interessados, mais dispersos, etc, para que, quando eu começasse as atividades com os alunos, eu me sentisse mais à vontade com a turma.

4.1. Diário de campo

4.1.1. DIA 1 – Apresentação da narrativa 15/10

Chegando na escola, fui para a sala de vídeo com a turma. Quando coloquei o DVD, vi que algumas imagens ficaram fora de ordem. Por um momento fiquei chateada e sem saber o que fazer, pois isso prejudicaria a apresentação da narrativa para os alunos. No entanto, a maioria das imagens parecia estar na ordem, então resolvi apresentar mesmo assim. Pedi desculpas a eles pela demora para começar, explicando que tivemos problemas técnicos. Eles entenderam, e comecei a contar a história.

- A professora (*regente*) me disse que vocês queriam trabalhar o tema do racismo, então eu pensei em contar pra vocês uma historinha sobre a Evolução da cor da pele – comecei a falar.

Conforme os desenhos apareciam, eu ia contando a história. Por sorte, a maioria dos desenhos da história estavam na ordem certa. Só a cena do DNA estava errada (a qual o DNA, centro de comando do corpo, definia quanta melanina as pessoas iam ter); estes desenhos se encontravam misturados entre as cenas. Penso que esta parte deve ter ficado confusa para os alunos. Ainda assim, acho que os alunos conseguiram entender a mensagem mais importante da história: a relação da cor da pele com a intensidade do sol.

Durante a história, havia um clima descontraído. Os alunos já me conheciam devido às aulas que observei; me perguntaram se eu mesma havia feito aqueles desenhos, se eu tinha feito no *Paint*, e eu respondi que sim (brinquei que sou bióloga, e não desenhista). Os alunos faziam comentários sobre os desenhos, riram de alguns, ficaram chocados com aqueles em que as pessoas brancas ficavam vermelhas e com câncer de pele no sol forte da África. Também me perguntaram se eu queria ser professora, eu disse que sim, que queria dar aula

para uma turma que nem a deles. Nisso uma aluna ri e diz "Nossa...", como que incrédula e desvalorizando a própria turma. Acredito que os alunos estão acostumados a ouvir muitas reclamações dos professores, mas isso se deve ao fato de eles serem muito agitados, e não necessariamente maus alunos. Alguns conversavam um pouco, mas no geral prestavam bastante à atenção. Eu percebia vários olhos atentos enquanto eu contava a história.

Tínhamos apenas um período de aula, e devido ao atraso para começar a atividade, achei melhor fazer a representação teatral e as questões avaliativas na próxima aula. Assim, faríamos com mais calma. Ao invés disso, sentamos em círculo com os alunos para discutir a narrativa apresentada.

Perguntei aos alunos o que eles tinham achado da atividade, o que tinham entendido. Fui fazendo perguntas, perguntei qual era a função da Super-Melanina, o que havia acontecido quando a família Barbosa foi para o norte, para ver se haviam entendido a história (apesar de algumas imagens fora de ordem atrapalhando). Pude ver que a maioria entendeu.

Uma aluna desatou a explicar qual era a relação entre o sol forte e o sol fraco com a cor da pele, dizendo que *"na África era melhor ser negro e na Europa era melhor ser branco"*. Outra aluna disse que não sabia que a cor da pele variava conforme o sol. Disse que nunca tinha ouvido essa informação, e que achou interessante. Esta aluna é uma aluna que gosta de ler histórias, e escreve algumas também.

Chamei a atenção dos alunos para o fato de que todos nós viemos da África, logo, todos nós temos antepassados negros. Assim, perguntei aos alunos se fazia sentido a gente ser racista. Todos disseram que não, apenas um aluno (o mais agitado da turma) disse que sim. Quando eu pedi pra ele explicar, ele disse que não sabia explicar. Acho que ele estava brincando, queria apenas "ser do contra", como costumamos dizer. Este aluno em específico, apesar de parecer difícil, é um aluno muito prestativo – me ajudou a mexer no DVD, pude observar nas aulas da professora regente que ele sempre faz o que é pedido. Ele apenas não consegue parar quieto, brinca o tempo todo. Ele não faz por mal, parece ser um bom menino.

Os alunos perguntaram o que mais a gente ia fazer; sabiam que a atividade não acabava ali. Expliquei que continuaríamos na próxima aula, porque tinha sobrado pouco tempo. Eles ficaram curiosos com a continuidade da atividade, e então eu contei pra eles que tinha a idéia de "a gente" (*me incluí no grupo, para dar mais estímulo*) fazer a história, como numa representação teatral. Disse a eles que eu acredito que a gente aprende muito melhor fazendo do que só assistindo, e eles concordaram e ficaram animados com a idéia. (*que bom! Fiquei com medo que achassem bobo!*)

Mostrei os coletes de TNT que fiz, correspondentes às diferentes cores de pele na narrativa. Disse aos alunos que eles poderiam escolher qual cor de pele iam querer vestir. De pronto o aluno mais agitado da turma pulou da cadeira e quis vestir o TNT; dei uma capa azul pra ele se vestir de Super-Melanina. Ele ficou empolgado, e até perguntou se nós poderíamos apresentar a história para as outras turmas da escola.

No final da aula, um aluno ficou para me ajudar a arrumar a sala, e comentei com ele que tinha ficado chateada que as imagens tinham ficado fora de ordem. Ele disse pra eu não

me preocupar, não colocar tanta pressão em mim mesma, que não era minha culpa. Fiquei aliviada!

4.1.2. DIA 2 – Revendo a metodologia – 22/10

Após conversar com a professora regente, decidimos mudar o seguimento da proposta de atividade com os alunos. Ela me relatou que algumas alunas negras se sentiram desconfortáveis com a proposta de vestir os coletes para a representação teatral.

Eu, por ser branca, não tive a sensibilidade para perceber isto. Pensei que, sendo a proposta da narrativa que eles compreendessem a origem da diferença da cor de pele, e sendo que os alunos poderiam escolher qual colete gostariam de usar, a representação teatral poderia ser interessante e até divertida. Além disso, a melanina era uma super-heroína na história; a minha intenção era que a pele negra fosse vista como algo bom e importante.

No entanto, a professora regente me fez ver que a história poderia soar para os alunos como "negro é melhor na África, e não na Europa" (assim como "branco é melhor na Europa, e não na África"), e isto seria preocupante, pois criaria a idéia de que negros não deveriam viver na Europa (nem em nenhum outro lugar tivesse sol fraco); que negros só deveriam viver na África. Isto seria terrível, seria o oposto da minha intenção de desconstruir o racismo.

Por causa disto, em conjunto, decidimos realizar outra atividade: Propor aos alunos que eles mesmos construíssem, em grupos, a própria narrativa, bem como fantoches para apresentá-la para a turma, posteriormente. Os fantoches seriam feitos usando desenhos em papel, coloridos, colados num palitinho de sorvete.

Assim, na próxima aula de Ciências, fui à escola me encontrar com os alunos para a atividade. Levei desenhos de africanos impressos (anexo 3), para que eles se inspirassem e usassem alguns para fantoches. Levei também folhas brancas para que eles desenhassem os próprios personagens.

A princípio os alunos queriam usar só os desenhos como fantoches. Sugeri que os alunos criassem sua própria história. Dei uma idéia de história que seria de uma pessoa branca ou de uma pessoa negra que quer saber a sua origem, quem foram os seus antepassados, e daí a sua jornada pra descobrir isso, se ela falou com o pai, com a mãe, procurou na internet, nos livros, viajou até a África... Mas foi uma sugestão, deixei livre para a imaginação deles.

Durante a atividade, circulei entre os grupos para acompanhar o desenvolvimento da narrativa. Vi que a maioria deles usou os desenhos para pensar em cenas. Um grupo (grupo A) olhou o desenho das mulheres dançando e pensou em uma festa, festa essa que seria para comemorar que o menino africano cresceu e virou um guerreiro forte. Outro grupo (grupo C) olhou o mesmo desenho e pensou que as mulheres estavam fazendo dança da chuva. Um aluno deste grupo, antes de propor essa idéia, me perguntou: "professora, na África tem



chuva?". Este aluno provavelmente via a África como um lugar desértico, talvez por causa do deserto do Saara.

Outra aluna me perguntou:

- Professora, na África tem cidades?

- Sim, claro.

- Tu sabe o nome de uma cidade, para eu colocar na história?

Fiquei boquiaberta; eu não sabia. Perguntei para a professora regente, que também não sabia. Nós sabemos tão pouco sobre a África! Esta aluna em questão era negra, e imagino que deva ter se sentido ultrajada por duas professoras demonstrarem tanta falta de conhecimento do seu continente de origem. Ela e uma colega do grupo se levantaram e foram até a biblioteca pesquisar.

Foi interessante observar como cada aluno construiu a sua narrativa. Uma aluna escreveu com base na minha história (grupo B). Ela escrevia muito bem, com linguagem e estrutura de texto bastante literária. No entanto, ela não era muito confiante, e não achou legal o que havia produzido, disse que queria reescrever. Eu li com ela e disse que estava legal, tentei a encorajar. Esta aluna gosta bastante de ler e escrever; confio muito no potencial dela.

Dois alunos me surpreenderam bastante, eles pareciam ter um perfil de "bagunceiros", mas foram os que mais trabalharam dentro do grupo deles (grupo C).

4.1.3. DIA 3 – Confecção dos fantoches – 24/10

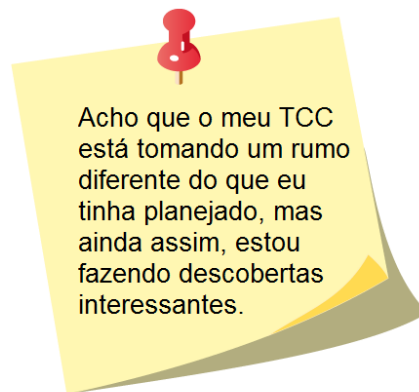
Este dia foi atípico: havia campeonato de vôlei na escola, e eu não tinha sido avisada (tampouco a professora regente, que com certeza me avisaria). Assim, metade da turma não estava presente – um grupo inteiro desceu para competir, e de outro grupo apenas um aluno ficou na sala. Neste dia havíamos previsto que os alunos iriam finalizar a atividade. Infelizmente, devido a este imprevisto, foi necessária mais uma aula para terminar de montar os fantoches e escrever a narrativa.

Os dois grupos que ficaram com quase todos os seus membros na sala (A e C) eram os que estavam mais adiantados, tanto na escrita da história quanto na confecção dos fantoches. Os alunos estavam, contudo, desanimados, porque queriam ter descido junto com os colegas para assistir a competição.

Através desta atividade, eu espero observar o que os alunos aprenderam com a narrativa que apresentei. Confesso, no entanto, que não deixei esta minha intenção muito clara; deixei os alunos mais livres, e talvez não seja este o resultado.

Conversando com a professora regente, ela me contou sobre a reação de duas alunas negras, com visões diferentes sobre a narrativa que apresentei pra eles, no primeiro dia. Uma aluna tinha ficado irritada, disse que não queria participar da atividade, não queria vestir os coletes. Por outro lado, a outra aluna, também negra, conseguiu entender a mensagem que eu

tinha tentado passar: que todos nós, brancos e negros, tivemos antepassados negros – logo, não fazia sentido nenhum de nós termos preconceito. Fiquei feliz que pelo menos esta aluna compreendeu a mensagem que eu quis transmitir. Preciso aprimorar minha forma de me expressar, para que os outros alunos também entendam.



4.1.4. DIA 4 – Continuação da confecção dos fantoches – 29/10

Neste dia, os alunos deveriam finalizar a história e os fantoches e ensaiar para, então, apresentar a história que haviam construído na aula seguinte. No entanto, novamente, tivemos contratempos: enquanto que um grupo estava bastante atrasado (pois na aula anterior foi convocado para o campeonato de vôlei), em outro grupo, a colega que havia escrito a história no caderno não estava presente. Assim, os dois grupos se uniram (grupo B). Eu havia lido a história da aluna em questão, e esta se assemelhava com a minha, então resolvi oferecer para os alunos que eles apresentassem a minha história (teriam, entretanto, que produzir mais fantoches). Eles aceitaram, mas não conseguiram terminar de desenhar os fantoches. Pedi que eles desenhassem em casa e dei palitinhos para que eles montassem os fantoches. Quanto aos outros dois grupos restantes, tentei guiá-los quanto à história, pedindo que eles pelo menos mencionassem o papel da melanina na narrativa, explicando sua função.

Houve um grupo que ficou com apenas um só aluno (grupo C). Perguntei se este aluno gostaria de se juntar a algum outro grupo, mas ele não quis (e a professora regente me assegurou que ele trabalhava bem sozinho). Realmente, quando li a história dele, achei maravilhosa. Acho que a história deste aluno, que ficou sozinho no grupo, foi a mais legal!

4.1.5. DIA 5 – FINAL: Teatro de fantoches – 05/11

No início da aula, dei para os alunos 10 minutos para que se organizassem, terminassem a história e ensaiassem a mesma. Na prática, estes 10 minutos viraram 30 – um dos grupos (grupo A) estava bastante atrasado, pois era um grupo grande e muito disperso, e queriam passar a história a limpo antes de ensaiar. Quando percebi o problema, fiquei junto deles, supervisionando e ajudando o grupo a manter o foco.

O grupo menor (grupo C) foi o que melhor trabalhou. Foram os primeiros a terminar tudo e ensaiar. A história deles ficou muito legal! E apresentaram muito bem, também.

O grupo B foi muito bem também. Assim como o grupo A, estava um pouco atrasado – faltava desenhar alguns fantoches (homens brancos). Ao invés disso, por sugestão minha, usaram os dedos como homens brancos (desenharam rostos nos dedos). No entanto, este

grupo se atrapalhou na hora de apresentar: dividiram a narração da história entre os membros do grupo, e se atrapalharam bastante. Mesmo assim, a apresentação foi legal.

Depois da apresentação, agradei aos alunos pela participação no meu trabalho e passei as duas questões dissertativas para eles responderem.

Sugeri aos alunos que guardassem os fantoches, se quisessem. Os membros dos grupos B e C quiseram guardar. Um aluno do grupo B disse que ia guardar com carinho. Esse mesmo aluno me estendeu a mão no final da aula, me cumprimentou, disse que foi muito legal.

Uma coisa, no entanto, me deixou aflita: a pergunta curiosa de uma aluna, que eu não soube responder.

- Se não tivesse migração de pessoas da África pra cá, qual seria a cor da pele ideal aqui, no Rio Grande do Sul?

Fiquei com medo de responder a pergunta desta aluna, com medo que ela pensasse que aqui é frio então é melhor ser branco, e lá pro norte do país, na Bahia (que tem mais sol) é melhor ser negro. Não respondi. Ao invés disso falei que não é assim, que é um processo mais complexo, que houve miscigenação e migração não só de africanos, mas de europeus também pra cá; que não é tão simples, que ocorre ao longo de gerações e gerações...

4.2. Impressões dos alunos

4.2.1. Impressões observadas a partir das questões dissertativas

Como anteriormente mencionado, após a atividade eu proporia aos alunos que eles respondessem duas questões dissertativas, com o objetivo de observar as impressões dos mesmos, e verificar se a mensagem que busquei passar através da narrativa chegou até eles.

Para a questão 1 (*"Qual o papel da melanina no nosso corpo?"*), os alunos deram tipicamente duas respostas:

<i>"Ela nos protege do sol"</i> (13 alunos)
<i>"Ela nos protege das queimaduras do sol"</i> (4 alunos)

Quadro 2: Respostas dos alunos para a questão 1.

Já para a questão 2 (*"Por que existem pessoas com diferentes cores de pele? O que o sol tem a ver com isso?"*), os alunos deram respostas mais variadas:

<i>"Depende do grau de melanina que a pessoa tem na pele"</i> (2 alunos)
<i>"Algumas pessoas são negras pois ficam bastante tempo no sol e tem melanina e as brancas tem pouca melanina e não ficam muito no sol"</i> (2 alunos)
<i>"Por causa do sol, porque ele queima a pele"</i> (1 aluno)

<i>"Por causa da melanina, num lugar o sol é forte e o outro é fraco" (3 alunos)</i>
<i>"Por causa do DNA. Porque o sol queima a pele." (1 aluno)</i>
<i>"Porque depende da força do sol, se o sol é fraco as pessoas não tem muita melanina, se o sol é forte a pessoa tem muita melanina." (1 aluno)</i>
<i>"Porque o sol quando é muito forte o nosso corpo libera melanina e ficamos com a pele mais escura. E quando é mais fraco não precisamos de melanina e a pele é mais clara." (1 aluno)</i>
<i>"Porque as pessoas tem graus diferentes de melanina no corpo (na pele). O sol faz a melanina aumentar." (2 alunos)</i>

Quadro 3: Respostas dos alunos para a questão 2.

Podemos perceber que os alunos usaram palavras diferentes para se expressar, mas, no geral, todos eles captaram a mensagem essencial da narrativa apresentada: que as pessoas possuem cores de pele diferentes por terem diferentes graus de melanina (molécula que protege do sol) na pele, como consequência do ambiente no qual se encontram (com sol fraco ou sol forte).

4.2.2. Impressões observadas a partir das narrativas construídas

De modo geral, os três grupos construíram narrativas com base nos desenhos de africanos que levei como exemplo. Foi interessante que, mesmo ao observar um mesmo desenho (duas mulheres dançando), cada grupo teve uma idéia diferente: enquanto o grupo A imaginou uma festa, o grupo C pensou que elas estavam fazendo a dança da chuva. Com base nos desenhos, os alunos foram imaginando o que os personagens poderiam estar fazendo, e assim foram construindo a história.

Narrativa construída pelo grupo A

Este grupo escreveu uma história na qual uma mulher negra estava grávida, esperando um bebê. Quando o bebê nasce, ele nasce negro igual à mãe. Anos depois, já grande, a criança pergunta para a mãe por que eles têm a pele mais escura, ao que a mãe explica que eles possuem melanina na pele, que é importante para protegê-los do sol. Com o passar dos anos, o menino cresce e vai ficando forte. No final da história, a tribo faz uma festa ao redor da fogueira para comemorar que o jovem se tornou um grande guerreiro.

Narrativa construída pelo grupo B

Este grupo se inspirou na narrativa que eu apresentei, e escreveu uma história praticamente idêntica a minha, mas com outras palavras. No dia da apresentação do teatro de fantoches, a aluna que estava com a história não veio à aula, e os alunos apresentaram usando o texto da

minha história. Eles não tiveram muita criatividade na elaboração da história, mas compensaram na elaboração dos fantoches e na apresentação, que foram ótimas.

Narrativa construída pelo grupo C

Este grupo escreveu uma história onde haviam mulheres fazendo a dança da chuva, e um homem pedindo a bênção do rei. Na história, a tribo vivia feliz até que um dia vieram os homens brancos, que queriam o território dos negros. E então começou a guerra. Nessa guerra, no entanto, os negros estavam em vantagem: os brancos não tinham muita melanina na pele, e se queimavam no sol. Já os negros tinham melanina, que os protegia. Assim, os negros ganharam a guerra.

Quadro 4: breve descrição das narrativas construídas pelos grupos de alunos.

Como podemos observar, os alunos tiveram diferentes idéias de história. Algumas semelhanças, no entanto, são visíveis: todos colocaram os negros como guerreiros (talvez inspirados nos desenhos que dei para colorir). Achei muito interessante principalmente a narrativa do grupo C, na qual os negros ganham a guerra por possuírem melanina na pele, que os protege do sol. Esse grupo demonstrou ter entendido a importância da melanina, e soube explica-la em forma de narrativa. Achei muito legal!!

5. DISCUSSÃO E REFLEXÕES

Com esta atividade, uma de minhas propostas foi realizar uma aula mais lúdica, onde os alunos achassem prazeroso trabalhar o conteúdo de Evolução Biológica na forma de narrativa e representação teatral. Ao observar o que eles escreveram nas questões dissertativas, percebo que compreenderam a mensagem principal que eu queria passar na narrativa que elaborei. Entretanto, tal mensagem talvez tenha ficado um pouco “incompleta” no sentido do conteúdo de Evolução Biológica – será que eles realmente entenderam como ocorrem as mudanças nos seres vivos ao longo das gerações? Vejo que a minha história pode ter servido como uma introdução ao conteúdo, mas este ainda precisaria ser melhor trabalhado pelo professor. Temos aqui o fator limitante do estágio, do pouco tempo de convivência com a turma³.

Ainda assim, apesar da breve convivência, no que condiz o aspecto vínculo professor-aluno, acredito que estabeleci uma conexão muito bonita com a turma. Os alunos brincavam comigo; uma aluna me cutucava e fingia que não era ela (brincando), outras elogiaram o meu

³ No total, tive oito encontros com a turma, sendo cada encontro de aproximadamente noventa minutos (dois períodos de aula). Nos três primeiros encontros, no entanto, interagi pouco com os alunos, pois estava os observando, para conhecê-los. Nos cinco últimos encontros, foram realizadas as atividades descritas deste trabalho.

brinco, etc. Eu me senti à vontade com os alunos, e isto tornou toda a atividade mais tranquila – apesar dos percalços.

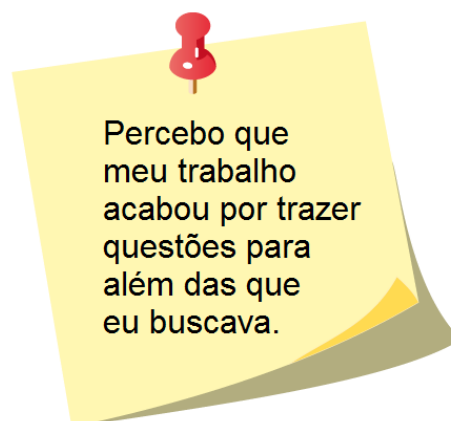
No entanto, para além de trabalhar com o conteúdo de Evolução Biológica, minha intenção com a história também foi, ao explicar para os alunos a origem da diferença de cor de pele, ajudá-los a desconstruir o preconceito racial proveniente dessa diferença. Acreditava que estava fazendo algo bom, que contribuiria para a formação dos alunos como cidadãos livres de preconceito e, assim, para uma sociedade mais igualitária. Não previ, entretanto, que com esta atividade eu poderia estar cometendo um erro gravíssimo: o de reduzir a diferença entre brancos e negros a apenas uma diferença de cor, de natureza exclusivamente biológica.

Ao fazer isso, deixei de lado todo o contexto histórico e cultural da etnia negra – exatamente por ignorá-lo, por minha origem ser majoritariamente europeia. Concordo com Kreutz (1999, p. 79) quando este afirma que a escola (e a sociedade de forma geral) teve muita dificuldade em articular-se com a diferenciação cultural, geralmente legitimando uma perspectiva étnica em detrimento das demais. Começo a perceber que a perspectiva europeia, branca, é tida pela nossa sociedade como cultura de “elite”, e devido a isto tem sido adotada pela escola como referência – e o quanto isso é problemático para alunos de outras etnias. Assim como Clemêncio (2003, p. 95), penso que esta postura monocultural e excludente precisa ser revista em nossas práticas no interior das instituições de ensino, bem como na sociedade como um todo.

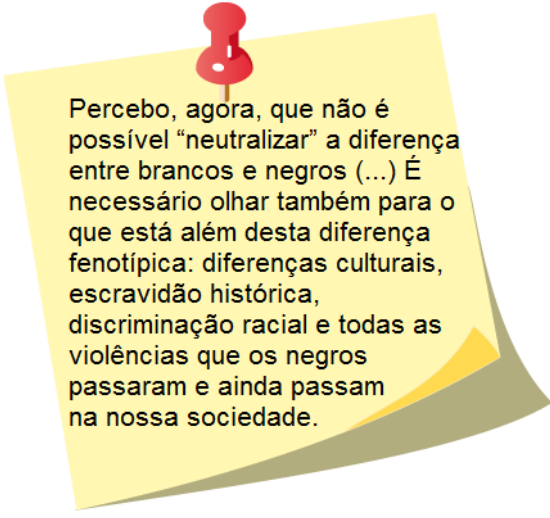
Quando, logo após a narrativa, uma aluna disse que havia entendido que “na África era melhor ser negro e na Europa era melhor ser branco”, fiquei um pouco chocada e não soube como explicar que não era exatamente isso. Percebi que tal entendimento implicava que negros não deveriam viver na Europa, nem brancos na África. Este raciocínio leva a uma segregação, uma idéia de que brancos e negros não devem conviver, pois são “mais adaptados” para ambientes diferentes. Após esta experiência negativa, fiquei pensando no que poderia ter feito de diferente, contando que esta minha reflexão possa refletir em minhas decisões futuras.

Penso que, para evitar que esta idéia pudesse surgir, eu deveria ter tido mais cuidado na elaboração da narrativa; não deveria ter escrito que em lugares com sol fraco como a Europa (e o sul do Brasil) não é tão vantajoso ter pele negra. Ao invés disso, eu deveria ter escrito que nestas regiões, como o sol não era tão forte, pessoas de pele branca também conseguiam viver, assim como as negras. Da forma que está escrito na história, alguns alunos ficaram com a impressão de que “pele negra é melhor na África, e pele branca é melhor na Europa”. Como se o negro não pudesse viver na Europa ou no sul do Brasil.

Percebo que o meu trabalho acabou por trazer questões para além das que eu



buscava. A própria escolha do tema da narrativa – discriminação racial – levou a uma discussão mais profunda do que a proposta inicial. Este tema, que foi trazido numa demanda dos alunos, é um tema delicado, por ser de cunho social – e, além disso, considerando que eu não sou negra, e logo, nunca vivenciei situações de discriminação racial, tal tema tornou-se difícil de trabalhar. Percebo em mim, enquanto docente, um enorme despreparo neste sentido; fico chocada com minha falta de conhecimento a respeito da África, bem como com minha falta de tato com os alunos negros. Não pude prever que eles poderiam se sentir desconfortáveis com a idéia de vestir coletes de TNT representando as diferentes cores de pele existentes; achei que, já que eles podiam escolher que cor vestir, tal proposta era inofensiva. Isto pois nunca estive no lugar de um negro; não sei o que é ser discriminado todos os dias, de diversas maneiras. Assim, também não pude ver o que esta proposta de atividade significava para eles.



Percebo, agora, que não é possível “neutralizar” a diferença entre brancos e negros (...). É necessário olhar também para o que está além desta diferença fenotípica: diferenças culturais, escravidão histórica, discriminação racial e todas as violências que os negros passaram e ainda passam na nossa sociedade.

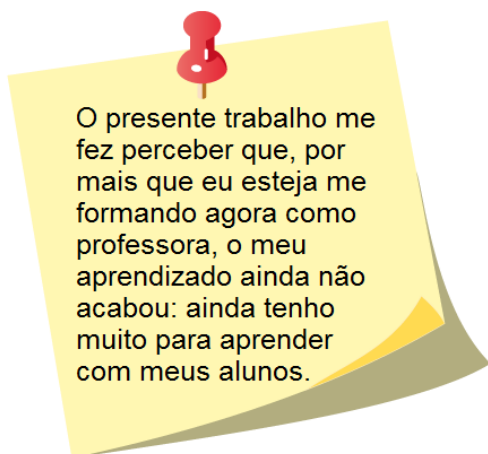
Como bem ressaltam Moreira e Candau (2003, p. 161), a escola não costuma lidar bem com as diferenças; ao contrário, tende a silenciá-las ou neutralizá-las. Penso que foi isto que acabei por fazer, ainda que não intencionalmente: ao colocar a diferença entre as etnias negra e branca como algo biológico, isto é, além do nosso controle, eu “neutralizei” esta diferença, ao torná-la algo exclusivamente fisiológico. Percebo, agora, que não é possível “neutralizar” a diferença entre brancos e negros, com este olhar da narrativa que elaborei. É necessário olhar também para o que está além desta diferença fenotípica: diferenças culturais, escravidão histórica, discriminação racial e todas as violências que os negros e pardos passaram e ainda passam na nossa sociedade.

A educação formal brasileira não reconhecia, antes da Lei de 10.639 que preconiza o estudo de valores africanos na composição e formação no povo brasileiro, que homens e mulheres negros (as) tivessem atributos diferentes, e que precisavam ser valorizados naquilo que são (JULIO, 2009 p.6). Logo, não podemos dizer que a diferença entre negros e brancos se resume à quantidade de melanina que possuem na pele; cada uma destas etnias possui uma cultura e uma história diferente, que deve ser levada em consideração. A autora ainda ressalta que estes alunos negros “são diferentes, não apenas em sua pele, mas em tudo aquilo que os constitui enquanto sujeitos”. Quando eu reduzi a diferença entre brancos e negros a apenas a quantidade de melanina, eu neguei a existência de tudo isto.

Recentemente, em uma mesa de debate na minha Universidade, uma professora abordou esta mesma temática, dizendo: “A diferença entre eu e ele é que ele tem um punhado de melanina a mais do que eu... *E esse punhado a mais de melanina faz com que ele tenha*

*uma vida muito mais difícil do que a minha (na nossa sociedade)*⁴. Esta segunda observação é importantíssima, e penso que foi o que eu deixei de lado na minha narrativa – pois, nela, os personagens brancos da Europa ainda se lembravam dos seus antepassados negros e, assim, não tinham preconceito contra estes. Sabemos que isto não ocorre na sociedade atual.

O privilégio branco é invisível. Assim como homens não percebem situações machistas, por nunca terem sofrido com isso, nós brancos muitas vezes não percebemos situações racistas. É difícil enxergar uma violência que nunca se sofreu. Penso que nós brancos precisamos buscar sensibilizar-nos e conscientizar-nos, e, acima de tudo, ouvir o que nossos alunos negros têm a dizer.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, aprendi que as narrativas podem ser recursos didáticos valiosos para tornar a aula mais agradável tanto para os alunos e quanto o professor. Estas devem, no entanto, ser elaboradas com cuidado: devemos atentar para trechos onde a nossa história pode ter uma interpretação errônea, ainda mais quando

trabalhamos com temas tão delicados quanto o da discriminação racial.

Aprendi que nem sempre ensinamos aquilo que estamos tentando ensinar; por mais que nos esforcemos, não podemos prever o que os alunos vão entender daquilo que falamos. Temos que buscar melhorar a comunicação professor-aluno, e uma forma de atingir este objetivo pode ser através da aproximação do aluno, bem como do estabelecimento de vínculo com este.

Neste trabalho, noto que eu não consegui ter uma percepção real de como um aluno negro se sentiria frente à proposta de atividade que eu apresentei. Da mesma forma, no estudo realizado por Ramos (2011, p.1), os professores pesquisados não se encontram preparados para lidar com as situações de racismo e de discriminação no contexto escolar, e suas posturas de intervenção diante dessas situações e apresentam insuficientes. Ou seja, tal experiência não é exclusiva deste trabalho, mas ocorre nas escolas constantemente. Penso que isto se deve ao fato de que professores brancos, como eu, nunca sentiram na pele o preconceito e a violência que um negro passa – justamente por não terem pele negra. Isto nos torna, de certa forma, distantes destes alunos – uma distância que pode ser muito bem trabalhada caso o

⁴ A fala citada foi proferida pela professora Dr. Eunice Aita Isaia Kindel, na mesa de debate “Desafios do Ensino de Biologia no Século XXI”, na 1ª Semana Acadêmica da Biologia, realizada na semana do dia 25 a 29 de Maio.

professor tenha ciência de todos os aspectos que envolvem vivenciar as diferenças do mundo que vivemos.

Creio que, enquanto docentes, precisamos aprender a nos sensibilizarmos, e para tal, precisamos ler relatos de experiências e buscar entrar em contato com a cultura negra. Sinto com urgência que preciso aprender a falar sobre assuntos delicados como relações étnico-sociais com os meus alunos, pois, como professora, preciso saber lidar com estas situações da melhor forma possível.

O presente trabalho me fez perceber que, por mais que eu esteja me formando agora como professora, o meu aprendizado ainda não acabou: ainda tenho muito para aprender. E tal perspectiva, longe de me decepcionar, me alegra: espero nunca deixar de aprender com meus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas (sp), v. 19, p.20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.
- CASTRO, Luana, 2011. **O fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribui para um melhor rendimento escolar?**. Monografia apresentada à Comissão de Graduação do curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Profª Drª Eunice Aita Isaia Kindel. Porto Alegre, 2011.
- CLEMÊNCIO, Maria Aparecida. Os professores e a escola: lidando com a diversidade étnica. **Rev. Nupeart – Núcleo Pedagógico de Educação e Arte**. v 2, p. 91-108, 2003.
- COSTA, Rosa María E. Moreira Da; SANTOS, Neide, ROCHA, Ana Regina C. Diretrizes pedagógicas para a modelagem de usuário em sistemas tutoriais inteligentes. **Taller Internacional de Software Educativo (TISE)**. Santiago, Chile. 1997.
- CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo , v. 23, n. 1-2, p. , Jan. 1997 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010&lng=en&nrm=iso. access on 06 June 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>.
- FREIRE, Ana Catarina Chagas de Mello; MASSARANI, Luisa. A cobertura de ciência para crianças: um estudo de caso em dois jornais brasileiros. **Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Alexandria, v. 5, p.101-126, nov. 2012.
- GONÇALVES, Larissa Oliveira, 2010. **Como a Biologia pode ser ensinada sem a eterna decoreba?** Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas. Orientadora: Profa Dr. Eunice Aita Isaia Kindel. Porto Alegre, 2010.
- JULIO, Ana Luiza dos Santos. Negros e negras no ensino superior: singularidade para a permanência. *Revista Africa e Africanidades*, ano 2, nº 5, maio 2009.
- KREUTZ, Lúcio. Identidade étnica e processo escolar. **Cadernos de Pesquisa**, nº 107, p. 79-96, julho 1999.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 23, p. 156-168, ago. 2003 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200012&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 26 maio 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200012>.
- MORTIMER, Eduardo Fleury. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: Para onde vamos? **Investigações em Ensinos de Ciências**, Belo Horizonte, V1 (1), p. 20-39, 1996.
- POLIGICCHIO, Andréa Gonçalves. Teatro: materialização da narrativa matemática. **Catálogo Usp**, São Paulo, p.01-148, maio 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23042012-152833/pt-br.php>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- QUADROS, Ana Luiza de et al . As práticas educativas e seus personagens na visão de estudantes recém-ingressados nos cursos de Química e Biologia. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru , v. 16, n. 2, p. 293-308, 2010 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132010000200002&lng=pt&nrm=iso. acessos em 06 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132010000200002>

RAMOS, Aline Oliveira; SANTANA, Marise de; SANTANA, José Valdir de. Relações étnico-raciais no ambiente escolar: reflexões a partir de uma escola pública no município de Itapetinga/BA. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queiros. Ano 1, nº2, junho 2011.

SANTOS, Priscilla Carmona dos, 2010. **A utilização de recursos audiovisuais no ensino de ciências: tendências entre 1997 e 2007**. Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: Ensino de Ciências e Matemática. Orientador: Prof Dr. Agnaldo Arroio. São Paulo, 2010.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. A função do professor no despertar da curiosidade epistemofílica.. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. **Proceedings online... Available from:** <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100029&lng=en&nrm=abn>. Access on: 06 June. 2015.

VESTENA, Rosemar de Fátima; PRETTO, Valdir, 2012. O teatro no ensino de ciências: uma alternativa metodológica na formação docente para os anos iniciais. **VIDYA**, v. 32, n. 2, p.9-20, jul./dez., 2012 – Santa Maria, 2012.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COMISSÃO DE PESQUISA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**PESQUISA: Estratégias para a humanização do ensino de Ciências: uso de linguagem narrativa e representações teatrais**

COORDENAÇÃO: Michele Aramburu Serafini (Orientador: professor Dr. Luciano Bedin)

1. NATUREZA DA PESQUISA: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar o uso da linguagem narrativa, bem como das representações teatrais, na sala de aula. Com estas estratégias, se pretende aproximar o aluno do conteúdo de Ciências, humanizando-o, através da linguagem narrativa. Além disso, propõe-se tornar o aluno sujeito ativo da sua aprendizagem, através da representação teatral. Tais estratégias serão testadas em uma atividade a ser realizada em 01 (uma) aula da turma, no mês de outubro deste ano, que também poderá contribuir para a avaliação do aluno na disciplina de Ciências. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 25 alunos da turma 7C da Escola Estadual de 1º Grau Brigadeiro Silva Paes. Esta turma foi gentilmente concedida para a pesquisa pela professora regente, Roberta dos Anjos.

3. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo, seu filho (a) – ou criança ou adolescente sob sua responsabilidade – ouvirá uma narrativa apresentada pela pesquisadora. Após isto, será proposto que este interprete os personagens da história – proporcionando, assim, uma abordagem diferenciada, que possibilitará ao aluno fixar melhor a sua aprendizagem. Tal atividade será realizada na escola, junto com outros alunos que aceitem participar da pesquisa. É previsto em torno de cinquenta minutos para a realização da atividade.

Você tem a liberdade de se recusar a autorizar o jovem a participar; e o jovem tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que o Sr. (Sra) e/ou o adolescente queiram mais informações sobre este estudo podem entrar em contato diretamente com o professor Luciano Bedin pelo fone (51) 9842-0073.

4. SOBRE A ATIVIDADE: Atendendo uma demanda dos alunos da turma 7C, será apresentada uma história trabalhando o tema do racismo. O aluno ouvirá a história juntamente com os colegas, e após isto, será convidado a escolher um personagem da história para interpretar – com o objetivo de que ele, através da representação teatral,

consiga assimilar melhor o que aprendeu. Após isto, será solicitado o preenchimento de duas questões dissertativas a respeito do conteúdo da história, para observar a aprendizagem do aluno.

5. RISCOS E DESCONFORTO: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de todo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada jovem.

7. BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, o jovem não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros jovens.

8. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que seu filho (a) – ou criança ou adolescente sob sua responsabilidade – participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, autorizo meu filho (a) – ou criança ou adolescente sob minha responsabilidade – a participar desta pesquisa.

Nome do adolescente

Nome do responsável

Local e data

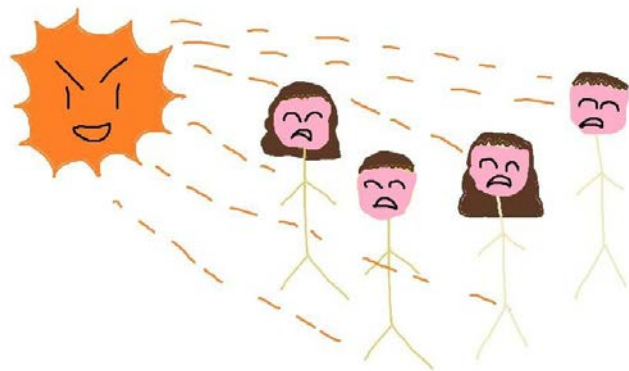
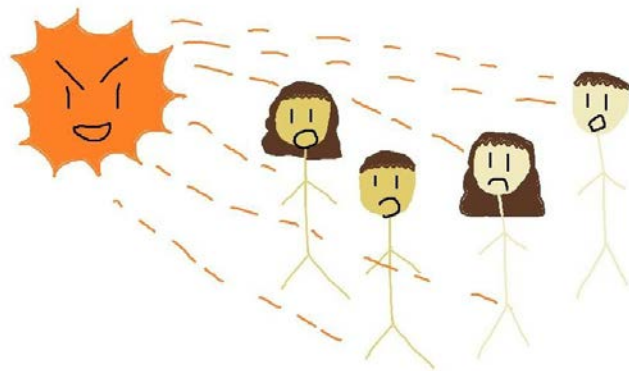
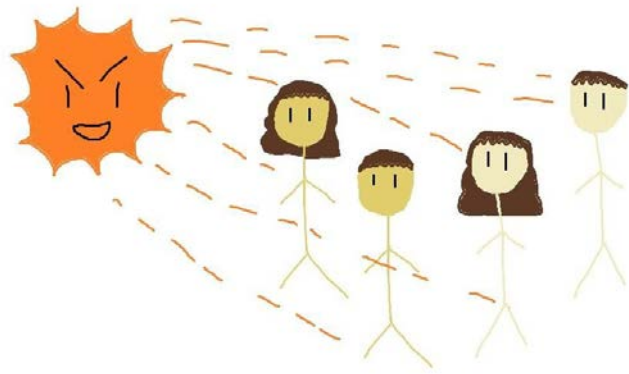
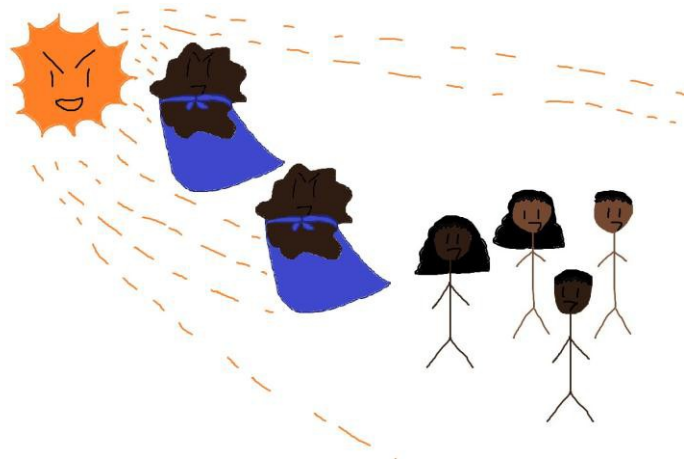
Assinatura do Responsável

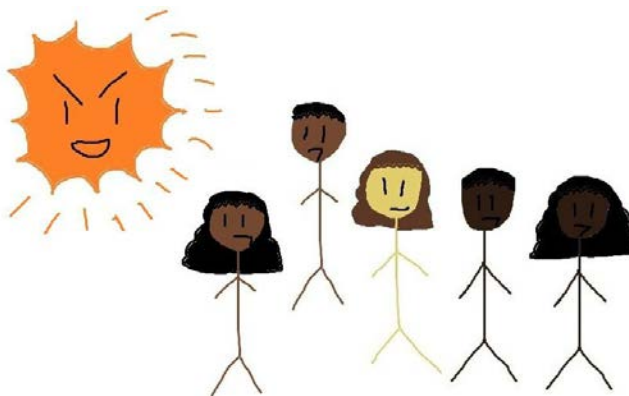
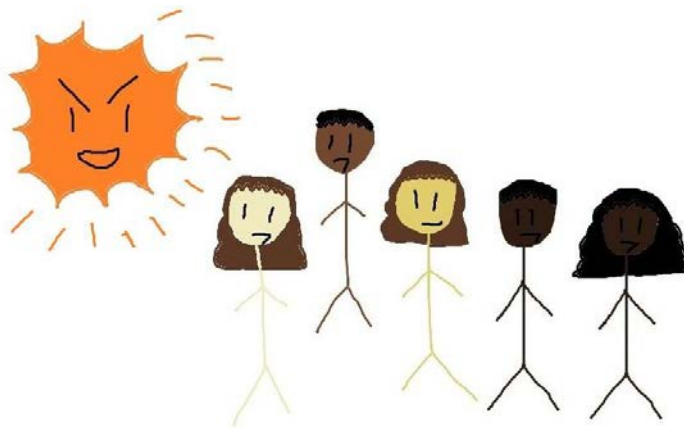
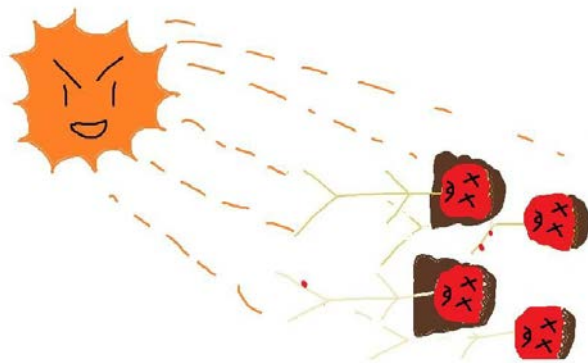
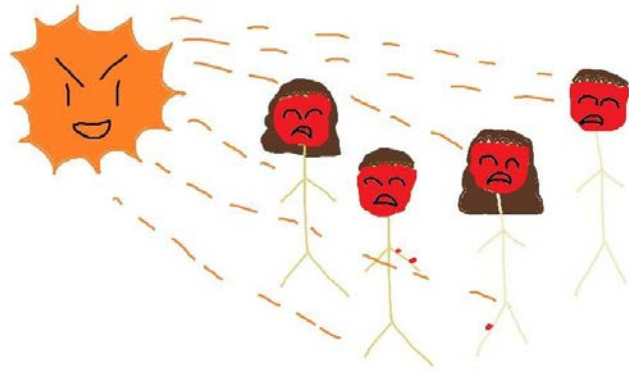
Coordenadora da pesquisa

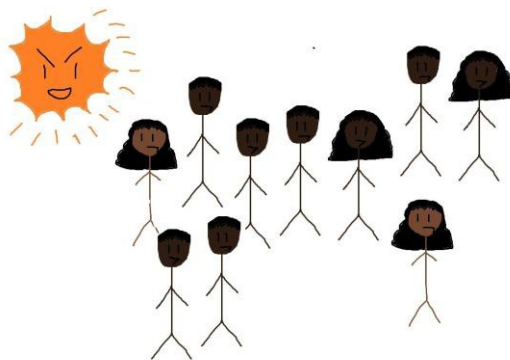
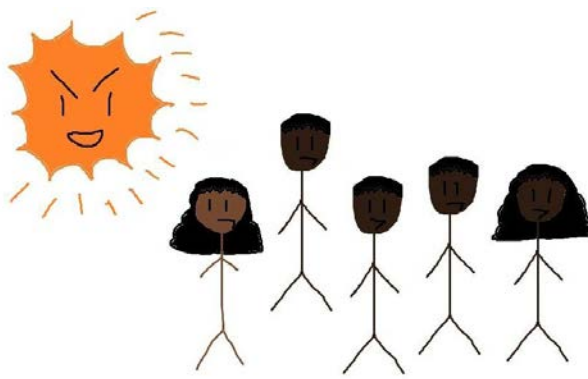
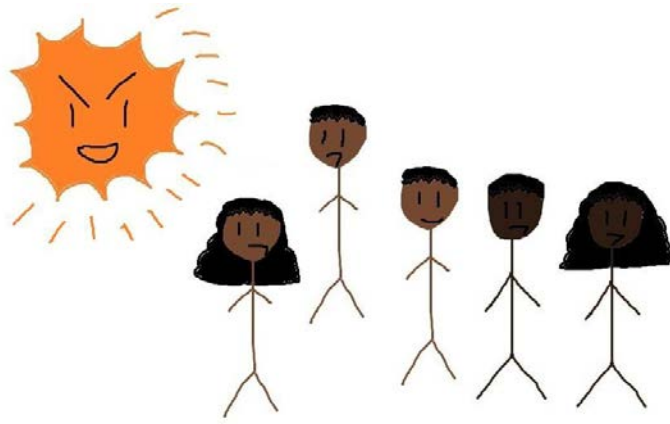
Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. O pesquisador responsável por esta pesquisa é o Prof. Dr. Luciano Bedin do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatar a equipe, podem entrar em contato diretamente com o professor Luciano Bedin pelo fone (51) 9842-0073. Maiores informações Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (51) 3308.3629

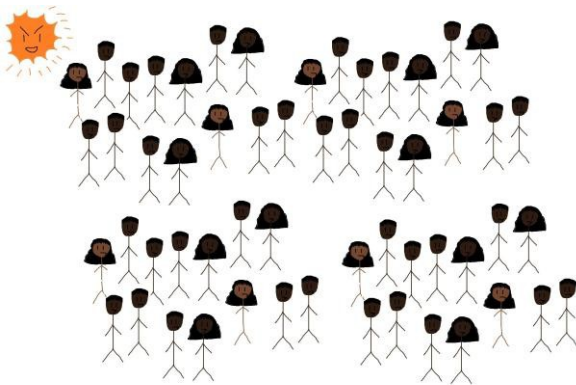
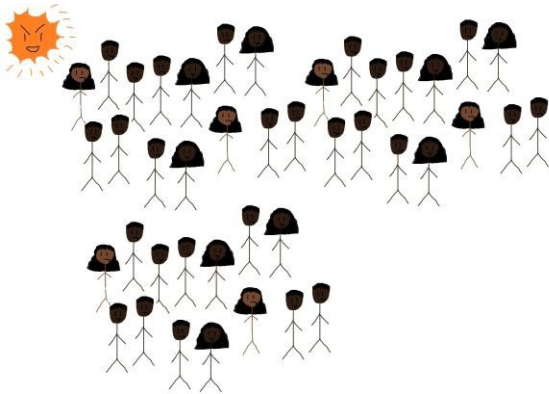
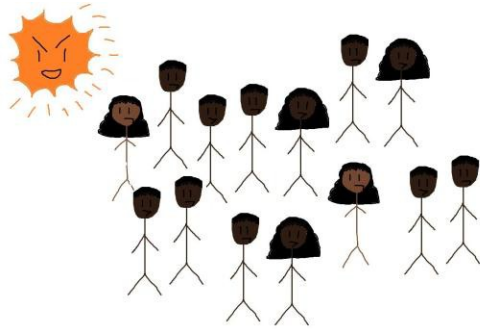
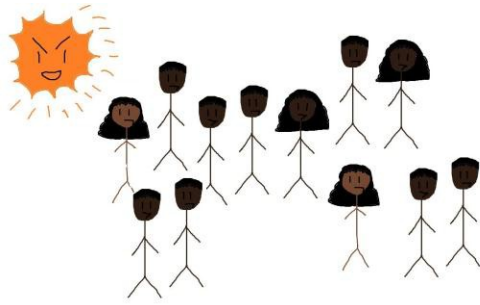
ANEXO B – DESENHOS PARA ILUSTRAR A NARRATIVA “A EVOLUÇÃO DA COR DA PELE”

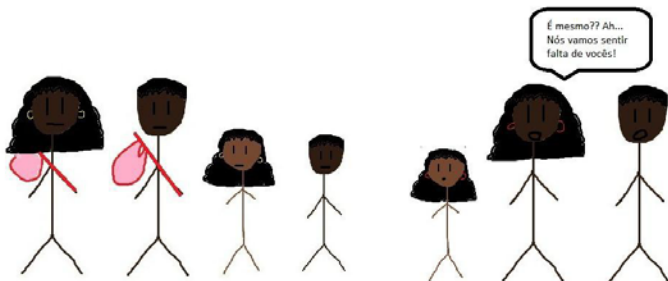
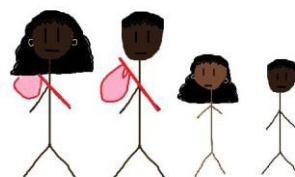




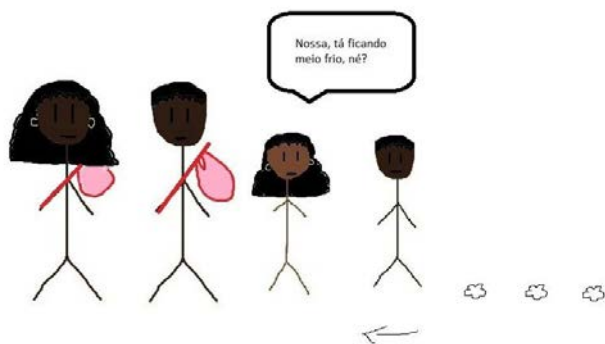
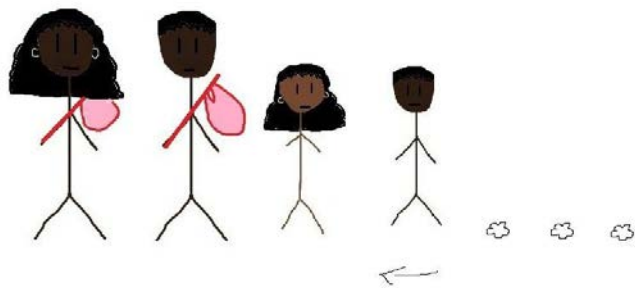
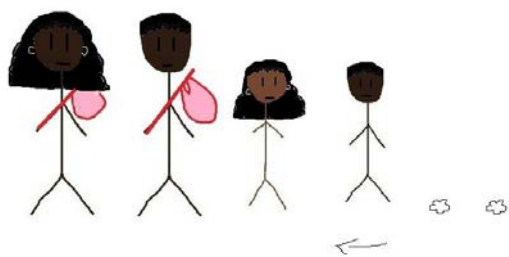
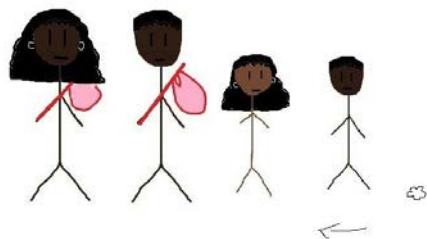




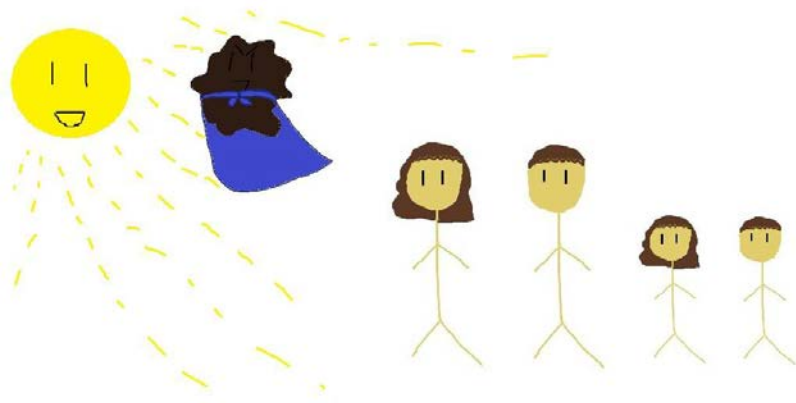
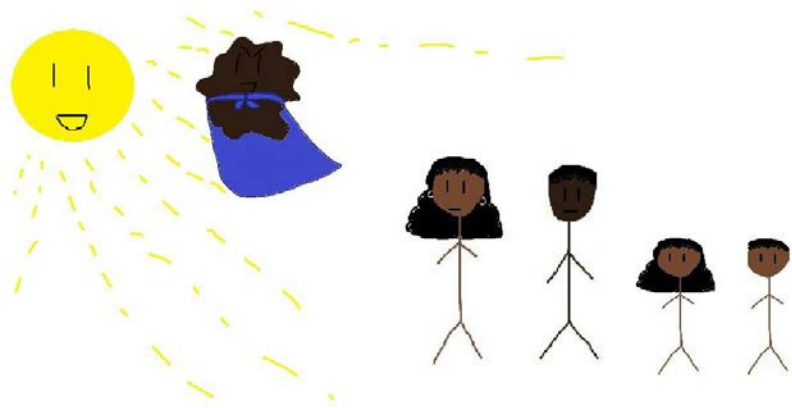


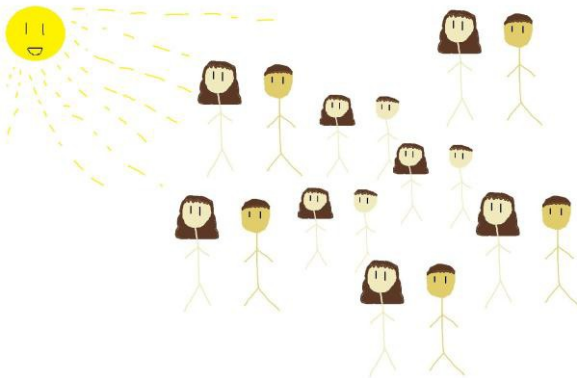
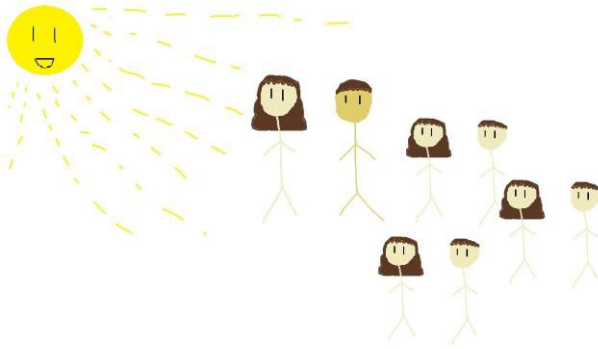
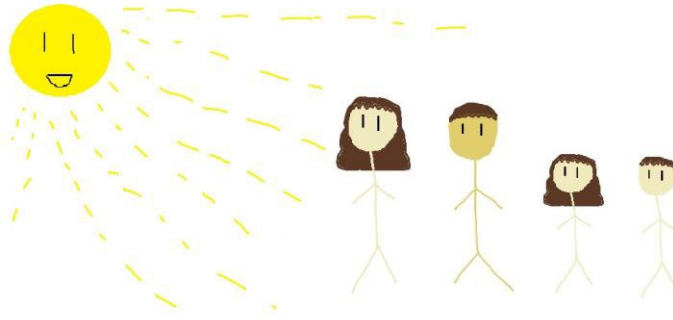
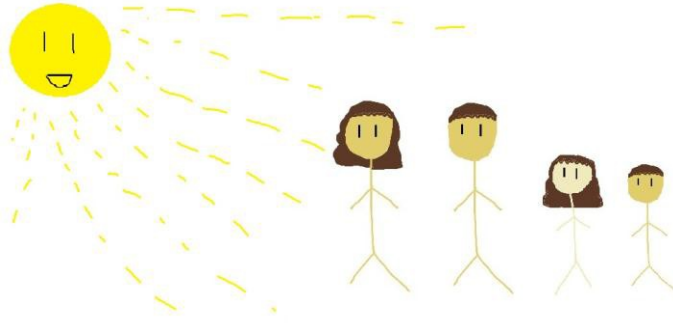


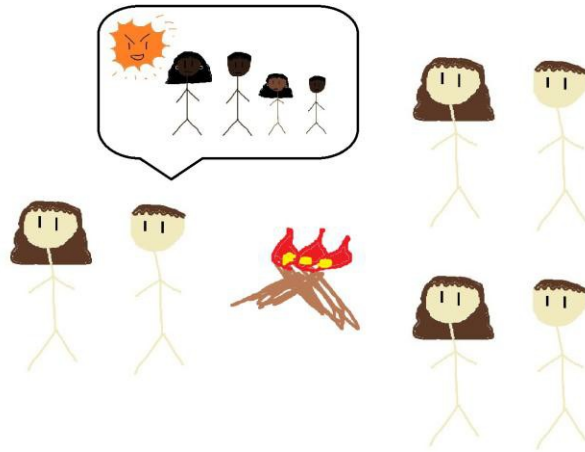




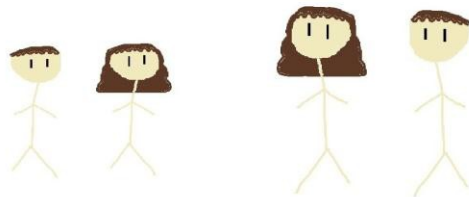




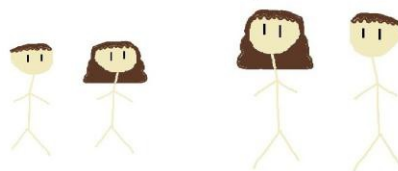




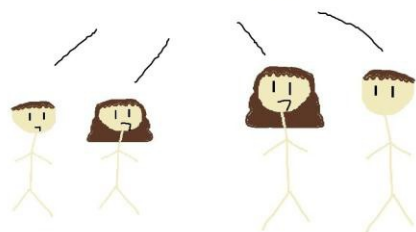
Puxa, deve ser legal lá na África! Eu ia adorar conhecer a terra dos meus antepassados!!!



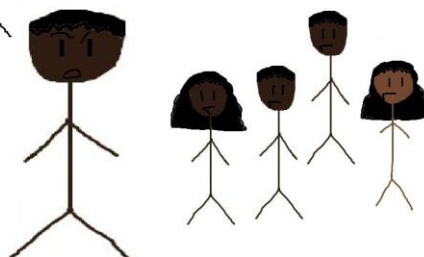
Deve ser muito legal mesmo!!! O que vocês acham de ir visitar? Vamos?



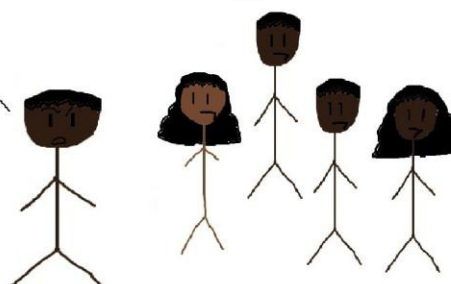
VAMOOOOOS!!!!!!



Ué...
Gente, venham ver
que coisa estranha!!!

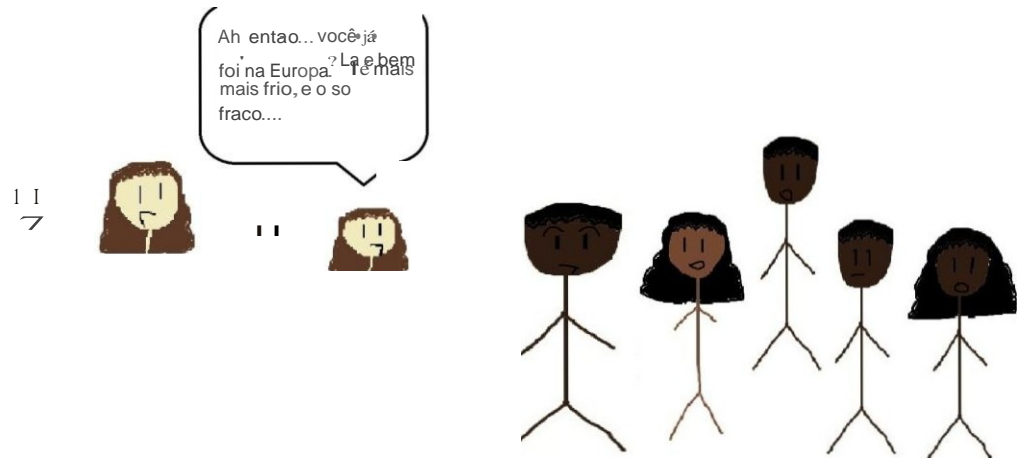


Que houve?











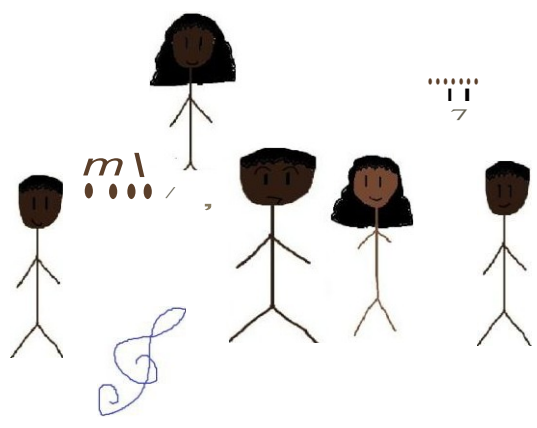
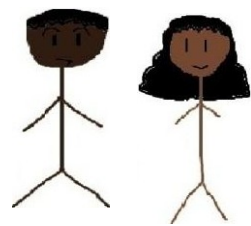


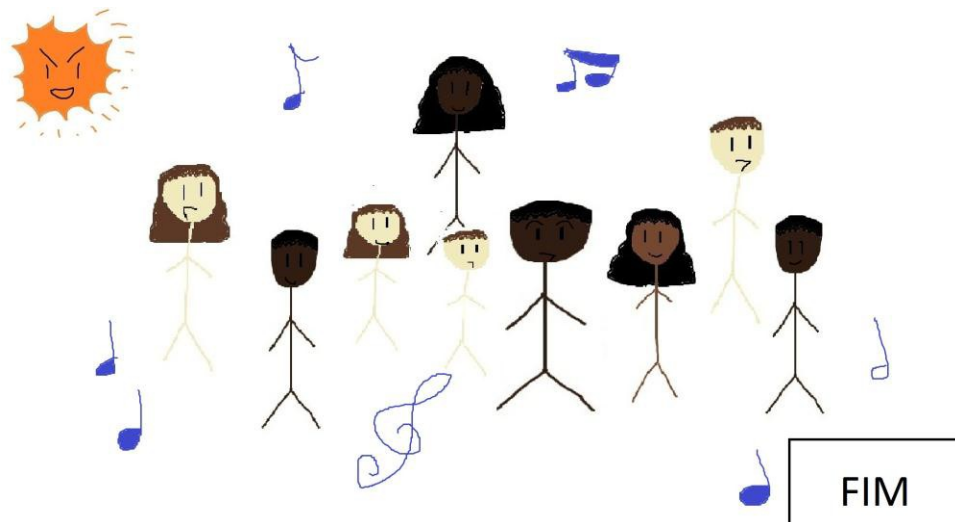


Mas é só a cor da pele que é diferente.
Pra mim não tem dúvida:
nós somos iguaizinhos por dentro.



Vamos comemorar o
nosso reencontro!
Solta o som, DJ!!!!



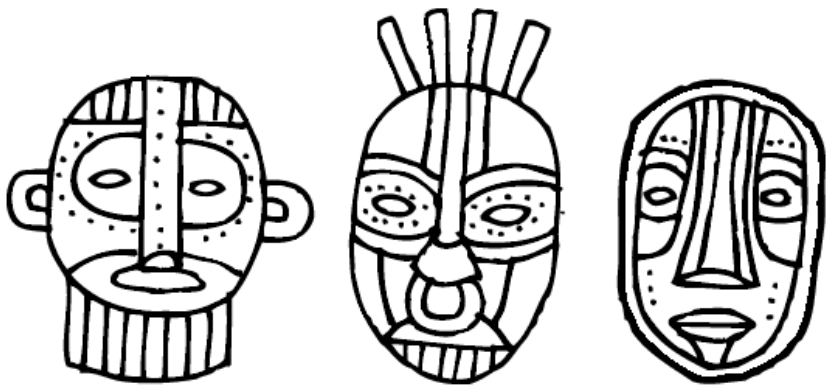


ANEXO C – DESENHOS DE AFRICANOS PARA ELABORAÇÃO DOS FANTOCHES

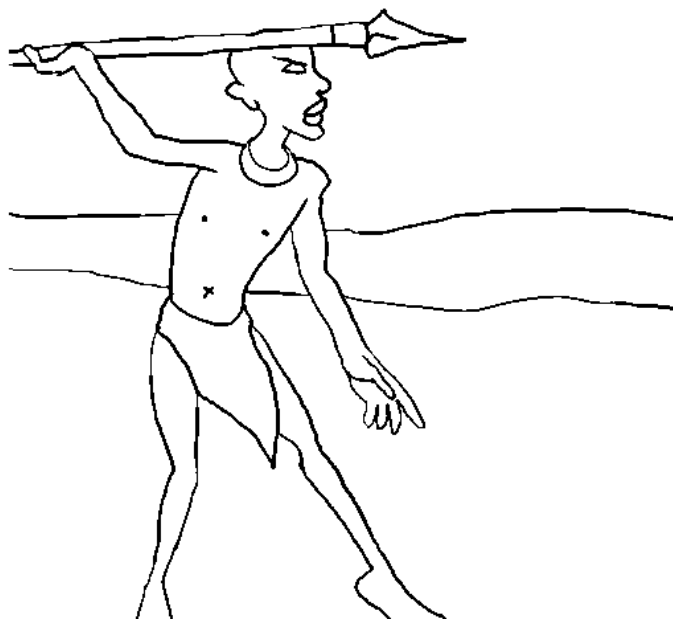


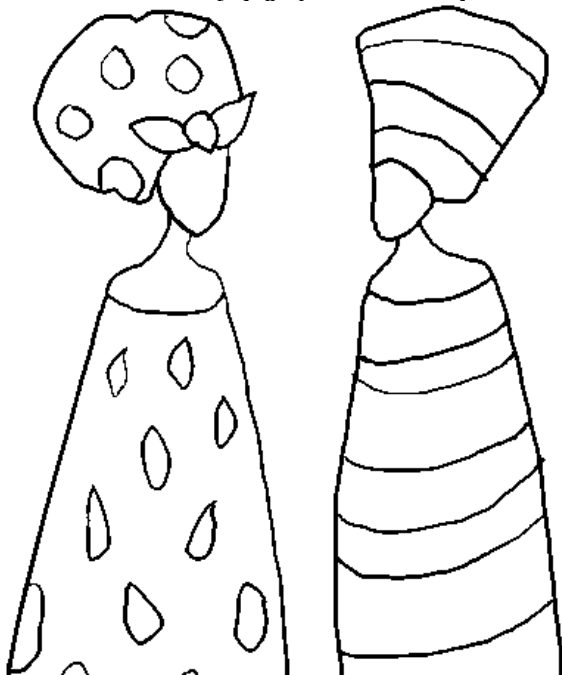
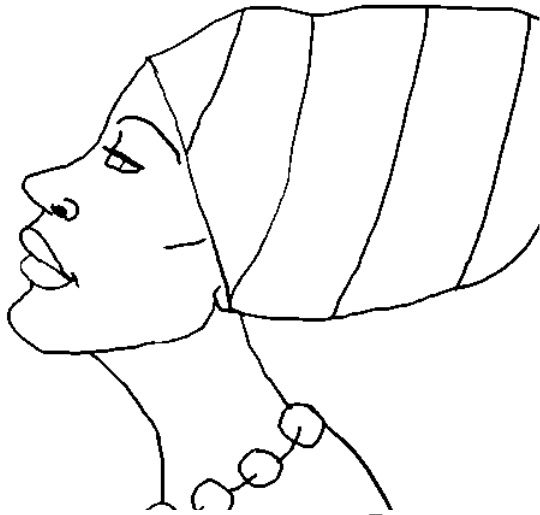


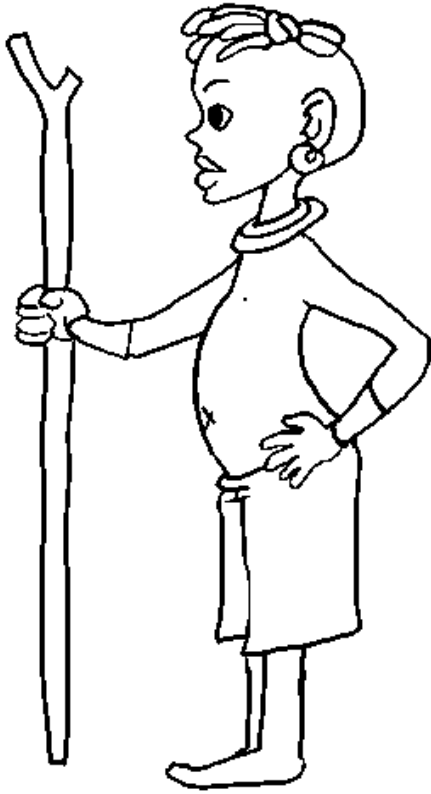
© HispaNetwork



AFRICA!









;

